

Desempenho de fazendas de leite da região Alto Paranaíba de Minas Gerais

João Cesar de Resende, Cristiano Nascif, Rogério Nunes Fernandes e Marcos Neves Pereira

Minas Gerais, o maior estado produtor de leite do Brasil, em 2008 contribuiu com 28% do leite nacional. Rio Grande do Sul, Goiás, Paraná e Santa Catarina, os outros quatro maiores, produziram 40%. Em Minas, entre suas doze regiões geográficas, a mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba foi a principal produtora, com quase dois bilhões de litros. A produtividade anual por vaca, de 1,7 mil litros nesta região, embora 32% superior à média nacional, foi a quinta maior do estado. Assim, apesar de representativa em volume, a região não tem ainda uma boa eficiência produtiva por animal. Este artigo relata algumas observações feitas a partir da análise de índices técnicos e econômicos de 159 fazendas leiteiras localizadas em 29 municípios desta região. São fazendas que vem sendo acompanhadas pelo Projeto Educampo, coordenado pelo Sebrae-MG. Os dados básicos utilizados neste estudo referem-se ao período de agosto/2007 a julho/2008. Foram coletados pelos consultores do Projeto Educampo e cedidos pelo Sebrae-MG.

Caracterização da amostra

Os produtores da amostra possuem algumas características que os diferem dos produtores tradicionais de leite do Brasil: pagam pela assistência técnica; todos anotam as informações financeiras e zootécnicas de suas fazendas; possuem maior escolaridade; e trabalham com um rebanho quase cinco vezes maior que a média nacional, de 17 vacas por unidade de produção. As fazendas são, no entanto, de tamanho modesto comparativamente à média de outros países como EUA (135 vacas), Argentina (156 vacas) e Nova Zelândia (351 vacas). A produção diária por fazenda, de 770 litros (Tabela 1), está bem acima da média nacional (52 litros) sendo semelhante à média das fazendas da Alemanha (800 litros). São, no entanto, bem menores do que as fazendas da Argentina (2.208 litros), Estados Unidos (3.225 litros) e Nova Zelândia (4.100 litros). Na época do levantamento, apenas 36% dos fazendeiros moravam na fazenda ou tinham presença diária no negócio, apesar de que 84% das propriedades tinham o leite como exploração principal. Apenas 18% dos proprietários tinham a atividade leiteira como única fonte de renda.

Tabela 1. Valores médios da amostra em comparação com as fazendas de leite de Minas Gerais e de Goiás.

	Amostra	Minas Gerais ¹	Goiás ²
Leite produzido (litros/dia)	770	184	245
Área ocupada com leite (ha)	109	57	88
Tamanho do rebanho (vacas adultas)	81	34	45
Mão-de-obra contratada (funcionários)	2,6	0,4	1,3
Taxa de lotação das pastagens (vacas/ha)	0,7	0,3	0,4
Preço da terra (em R\$1.000,00/ha)	5,1	4,1	6,7
Idade dos proprietários (anos)	51	52	51
Proprietários que registram dados (%)	100	18	16
Escolaridade do proprietário (anos)	12,9	5,2	6,0

Fonte: ¹ Faemg, 2006; ² Faeg, 2009.

Produtividade da terra e dos animais

A produtividade animal, de 4.528 litros/vaca/ano (Tabela 2), foi quase quatro vezes maior que a média oficial brasileira (1.237 litros) e superior também à média da Nova Zelândia (3.567 litros) onde as vacas, a

semelhança do Brasil, são mantidas quase que exclusivamente em pastagens. A produtividade da terra, de 3.333 litros/ha/ano, não foi alta se considerar que no Brasil é possível conseguir até 20.000 litros/ha/ano. Assim os produtores da amostra fazem uso pouco intensivo da terra fato que pode ser notado também pela taxa de lotação das pastagens. Embora o dobro da média observada em Minas Gerais e Goiás (Tabela 1) ela não é alta se considerar que 5 vacas/ha seja uma possibilidade real no Brasil. A disponibilidade de terra não foi o principal limitante para aumento de produção e o potencial das pastagens não estava sendo adequadamente explorado nestas fazendas. Com base no coeficiente de variação (CV), a produção de leite por vaca variou menos do que a produção de leite por área (Tabela 2) sugerindo que a genética e o tipo de manejo do rebanho foram mais estáveis entre fazendas do que a tecnologia de manejo das pastagens.

Tabela 2. Indicadores zootécnicos das fazendas.

	Média	CV
Vacas em lactação/vacas adultas (%)	73,5	31
Vacas em lactação/ha	0,7	63
Leite/vaca em lactação (litros/ano)	4.528	31
Leite/área (litros/ha/ano)	3.333	82
Leite/funcionário contratado (litros/ano)	103.342	43

Uso de mão-de-obra

Apenas 7% das fazendas conduziam a atividade exclusivamente com mão-de-obra familiar e 52% delas usavam apenas mão-de-obra contratada. Em média, a mão-de-obra familiar representou 22% da força de trabalho total utilizada nas fazendas. A produtividade da mão-de-obra contratada (103.342 litros/funcionário/ano) foi um pouco acima da observada em amostras de 1.000 fazendas de Minas Gerais e de Goiás, em estudos conduzidos pela FAEMG e pela FAEG, respectivamente. Porém, foi inferior a observada em fazendas mais tecnificadas do Paraná, onde tem regiões – Castrolândia, por exemplo – com até 300.000 litros/funcionário/ano. A quantidade de funcionários contratados foi linearmente correlacionada com o número de vacas em lactação ($r=0,83$) e ao volume diário de leite produzido ($r=0,87$). Este tipo de relação sugere que o crescimento das fazendas, medido em volume produzido de leite, não tem sido acompanhado por um processo adequado de mecanização e substituição de mão-de-obra. Não foram as maiores fazendas é que obtiveram as melhores produtividades do trabalho humano (Fig. 1). A mão-de-obra pode não estar sendo adequadamente administrada neste caso.

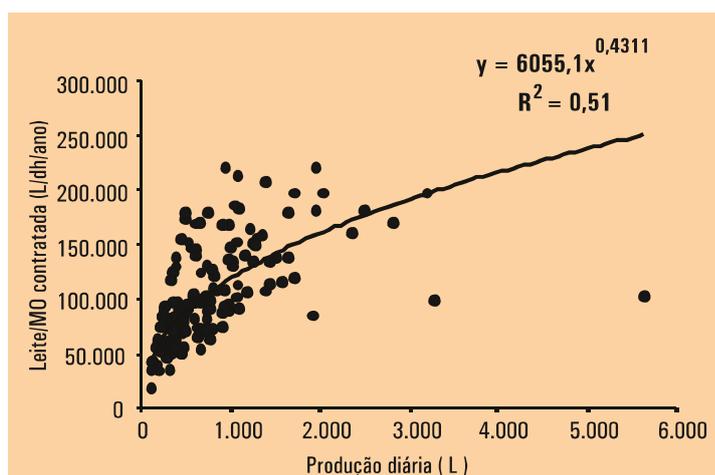


Fig. 1. Relação entre a produtividade da mão-de-obra (MO) contratada e a produção diária de leite das fazendas.

Preço do leite e renda

Entre os índices estudados, o preço do leite foi o parâmetro de menor coeficiente de variação (Tabela 3), indicando que o preço, estabelecido pela indústria, tem caráter mais constante dentro da



região que as práticas de produção, definidas pelas fazendas. A correlação entre o preço e o volume de leite produzido foi de 0,53 e entre a renda bruta e o volume de leite produzido, foi de 0,99. Esta relação mostra que a renda destas fazendas foi determinada mais pelo volume de leite produzido do que pelo preço. Houve diferenciação de preços por volume produzido, no entanto o adicional de preços não foi o fator mais importante na variação de renda entre fazendas. A renda oriunda do leite representou 85% da renda total das fazendas (Tabela 3), valor semelhante ao observado em amostras de 1.000 fazendas de Minas Gerais (80,3%) e de Goiás (83,5%). Em fazendas que usam menos tecnologia este valor tende a cair indicando que, quando o objetivo central da fazenda é a produção de leite, práticas focadas na venda de animais podem comprometer a produção de leite e, conseqüentemente, a rentabilidade.

Tabela 3. Indicadores de renda bruta (RB) e capital investido.

	Média	CV ¹
Renda bruta do leite (R\$/ano)	249.781,00	101
Renda bruta total (R\$/ano) ²	287.506,00	102
RB do leite/RB total (%)	85,5	11
Preço do leite (R\$/litro)	0,85	9
Capital investido incluído o valor da terra (R\$/fazenda)	801.346,00	62
Capital investido sem a terra (R\$)	327.068,00	76

¹ CV = coeficiente de variação.

² Receitas da venda de leite, animais e de produtos excedentes da atividade (esterco, forragens e sucatas) acrescentada da variação do inventário animal.

Custos estimados e rentabilidade

O custo referente aos alimentos concentrados foi de R\$ 0,27/litro, equivalente a 34% do custo total (Tabela 4). O custo da mão-de-obra contratada, de R\$ 0,10/litro, foi semelhante ao verificado nas menores fazendas de leite da Argentina, Nova Zelândia e Estados Unidos. No entanto, foi quase duas vezes maior do que nas maiores fazendas destes três países. Não se trata, portanto, de um grupo de fazendas competitivas no mercado internacional, se considerado o custo da mão-de-obra contratada como único fator de competição. O relativo baixo salário no Brasil não é suficiente, neste caso, para reduzir o custo da mão-de-obra quando as fazendas utilizam pouca mecanização.

O custo total médio do leite (R\$0,83/litro) foi inferior ao preço recebido (R\$0,85/litro), refletindo o impacto dos preços favoráveis recebidos pelos produtores de leite na época da coleta dos dados. Na média, as fazendas

conseguiram um resíduo de renda positivo para remunerar os custos não contemplados no cálculo, ou seja, os juros sobre o capital investido em terra e o empresário. Apenas 15% das fazendas tiveram resíduo

Tabela 4. Indicadores de custos.

	Média ¹
Custo de concentrados (R\$/litro)	0,27
Custo de mão-de-obra contratada (R\$/litro)	0,10
Custo médio 1 ² (R\$/litro)	0,83
Custo de concentrados/custo médio 1 (%)	34
Custo de mão-de-obra/custo médio 1 (%)	11
Renda líquida (R\$1,00/ano)	32.841
Taxa de retorno sobre o capital (%)	4,7

¹ Valores corrigidos para julho de 2008 pelo IGP-DI (FGV (2009).

² Custo médio = Despesas com concentrados, mão-de-obra contratada e outras despesas gerais somadas com a depreciação e juros de 6% sobre o capital investido (exceto terra).



negativo. A renda líquida média foi positiva, no entanto a taxa de retorno sobre o capital foi inferior ao rendimento da caderneta de poupança no Brasil, ao redor de 6%.

Conclusão

Apesar de as fazendas estudadas apresentarem indicadores produtivos superiores à média das fazendas brasileiras e mineiras, eles são modestos quando comparados a indicadores internacionais ou de fazendas tecnificadas de outras regiões do Brasil. Existe oportunidade para se obter ganho em eficiência produtiva e econômica nestas fazendas. A elevação da produtividade da mão-de-obra parece ser um ponto importante a ser considerado pela assistência técnica.